

CONTRA AS TOURADAS

Seleção de artigos publicados
no *Suplemento Ilustrado de*
A BATALHA (1924-26)

Cadernos d' *A BATALHA*

BIBLIOTECA



CONTRA AS TOURADAS

Seleção de artigos publicados
no *Suplemento Ilustrado de*
A BATALHA (1924-26)

Cadernos d' *A BATALHA*

2002

Nota Preliminar

A *BATALHA* assumiu desde o seu aparecimento uma firme oposição aos espectáculos tauromáquicos. Tendo iniciado em 23 de Fevereiro de 1919 a sua publicação como diário da organização operária nacional (União Operária Nacional, convertida meses depois, em Coimbra - 2º Congresso Operário Nacional - em Confederação Geral do Trabalho) logo em 11 de Março do mesmo ano declarava que "touradas, só para combatê-las falaremos delas". Face a tentativas de reintrodução dos touros de morte em Portugal a União dos Sindicatos Operários de Lisboa decidiu empreender uma campanha contra tal pretensão, em conjunto com associações humanitárias, de defesa dos animais e pedagógicas. Tal campanha teve início em Agosto de 1924 e nela se inscrevem duas dúzias de artigos publicados no Suplemento Semanal Ilustrado de *A BATALHA*, que saía às segundas feiras.

Por ocasião dos acontecimentos de Barrancos e da subsequente descriminalização da morte dos touros em praça promovida pelo partido socialista, *A BATALHA* voltou a manifestar o seu desacordo. Com o restabelecimento pelo parlamento

das corridas “à espanhola”, no corrente ano (2002), decidiu este jornal, além de manifestar o seu repúdio por tal deliberação e no âmbito dos protestos contra ela empreendidos, editar uma colectânea de textos publicados no Suplemento Semanal Ilustrado a partir de 1924.

A selecção dos textos incluídos neste Caderno d' A BATALHA obedeceu a vários critérios: exclusão de artigos de âmbito mais geral como os de Adolfo Lima (Determinismo social: carnaval, touradas & desportos) e Adriano Botelho (Contra os espectáculos imorais) bem como o de artigos sequenciais como os de Vitória Pais (Acção dissolvente das touradas) ou Júlio Eduardo dos Santos (Carta a uma criança de oito anos), para não falar já de alusões incidentais a esta questão. Houve ainda a preocupação de evidenciar a diversidade (e até certa representatividade) dos respectivos autores.

Luis Garcia e Silva

A Morte do Touro

Eu amo a galhardia mas odeio a barbaridade. Eu amo os gestos audaciosos, arrojados, mas detesto-os profundamente sempre que eles se traduzem em crueldade.

E por isso eu desprezo os heróis, aqueles sobre cuja bravura se tece uma sinistra auréola de sangue.

E por isso eu me tinha negado desde o início a dar a minha presença àquele número das festas com que Sevilha recebeu os jornalistas portugueses - e que era uma tourada.

Da capital da Andaluzia os jardins maravilhosos, prenhes de perfumes intensos, de lagos adormecidos, de rosas, de gerânios e de cravos, desabrochando em orgias de cor, interessavam mais à minha alma do que o espectáculo bárbaro do homem a defrontar-se com o touro, naquela tarde quente, mórbida e sensual de Junho.

Meus companheiros, porém, insistiam, argumentavam - faziam agigantar a meus olhos a tradicional beleza pagã que reside nas touradas.

Por último o notável escritor sevilhano Muñoz San Roman, embora inimigo do espectáculo bárbaro, aconselhava-me a que assistisse a ele, para assim fazer uma ideia mais concreta sobre touro e homem, para assim melhor poder combater o homem e defender o touro...

Muñoz San Roman é uma sensibilidade delicadíssima e suas palavras decidiram-me.

A praça, larga, ampla, enorme, estava cheia duma multidão heterogênea, cujos olhos, descendentes dos de Nero, se fiavam impacientes sobre a arena ainda vazia.

Um sol inclemente, impiedoso adusto, derramava sobre as arquibancadas da direita a sua cornucópia de luz, e milhares de mãos agitando os clássicos *abanicos* davam a sensação de asas encarceradas, debatendo-se nervosamente por detrás das grades duma gaiola incomensurável.

Próximo de mim, nos camarotes engalanados, grupos de mulheres formosas, perturbantes, palestravam com amenidade, espriavam seus olhos negros, profundos e misteriosos desde a trincheira até às últimas arquibancadas e irradiavam em seu redor ondas quentes de sensualidade.

Toda aquela multidão fremia ocultamente e sobre a praça pairava uma densa expectativa, uma comoção e uma curiosidade ilimitadas.

E, pouco a pouco estabelecia-se um silêncio colectivo; aqueles milhares de lábios cerravam-se numa espera voluptuosa, trágica, de tigre aguardando a presa, de fiéis aguardando o ídolo.

Ia reaparecer Juan Belmonte - o soberano, o deus, um dos primeiros actores de toda a Espanha daquele espectáculo primitivo.

E por isso aquela comoção, aquela curiosidade, aquele silêncio - só perturbado por alguns miseráveis apregoando água fresca por entre as arquibancadas.

Por fim Belmonte surgiu... É uma figura pequena, sem imponência, sem trajes sumptuosos a assinalá-lo sobre o cavalo branco em que monta.

Mas a multidão já delira, um frémito de alegria intensa já percorre a multidão.

Eu quedo-me a contemplar o touro negro, altivo, desde-nhoso, que agora entra na arena. Seu primeiro gesto é correr para o toureiro célere, mas logo se detém, certo da sua força, certo que inutilizará o inimigo numa luta leal.

Há desdém, há piedade do homem forte para o homem fraco que afronta, naquele touro negro que está parado no centro da praça a olhar Belmonte e o seu cavalo branco. Mas instigam-no.

As capas amarelas e vermelhas surgem na sua frente como estandartes provocadores. E o touro avança então. E a luta estabelece-se. Nada de grandioso, de extra-humano; nada de homem lutando com um tigre, vencendo-o; nada de leão subjogado pelas melenas, sob o poderio de umas mãos hercúleas. É uma luta de ciladas, de traições, órfã de beleza, viúva de assombro.

Eu não sinto mas compreendo a beleza brutal daqueles que lutaram com as feras nos circos romanos, – o que eu não compreendo nem sinto é a proclamada beleza da tourada, com um homem magro, candidato a um sanatório da Suíça, esgueirando-se ao lado do touro sobre um cavalo lesto, fazendo da fuga inteligente a principal arma de defesa...

Todavia a multidão desvaira, crispa-se de entusiasmo e solta das suas mãos, delirantemente, as pombas do aplauso.

O toureiro desce do seu cavalo, toma uma espada e dirige-se ao centro da arena.

Vai matar o toro que está vomitando sangue, rugindo de dor. Cerro as pálpebras e quando o meu olhar converge de novo para a praça, já o animal está tombado, com a espada fundida entre as omoplatas.

O golpe não foi certo e é necessário que o indivíduo encarregado de apagar estes fracassos venha, com um pequeno estoque, concluir a morte do touro. Entretanto, Belmonte, romano regressado das conquistas, deus descido do Olimpo, vai colhendo as rosas do triunfo, as palmas quentes, fartas, que miríades de mãos lhe dispensam, prodigamente, entusiasticamente.

A cena repete-se com o segundo touro, – e quando na arena surgem os cavalos, o espectáculo ultrapassa os domínios da barbárie, e toureiros e espectadores dir-se-ão selvagens brotados da própria selva da Antropofagia.

Têm algo de fúnebre, algo de cavalos recém desatrelados dum carro mortuário, esses que são conduzidos pelos indivíduos que os montam ao encontro do touro, - e que levam os ouvidos cerrados e uma faixa negra, lutuosa, a vendar-lhes os olhos.

Eles ignoram o perigo que se acerca, ninguém os procura defender, - a multidão, lá em cima, exige, com requintes de necrófilos, que os seus intestinos se quedem espalhados pela arena, como trofeus de asquerosa glória.

E os cornos do touro cevam-se no ventre indefeso desses cavalos, - e destes, como a multidão deseja, as vísceras que-dam-se, sangrentas, trágicas, expostas no centro da arena e para elas, com uma oculta cumplicidade, o Sol converge seus raios ardentes.

Sufoco. Um ódio intenso, profundo, enorme, subjuga-me. Orgulhosamente, brutalmente, sinto-me demasiado humano, sinto-me também fera - mas no sentido inverso daqueles que me rodeiam. E parecem-me sinistros, repelentes, os lábios húmidos, grossos e vermelhos duma mulher de rara formosura que está próximo de mim, - lábios de inebriantes voluptuosidades e que agora riem de perversa satisfação, ante a carnificina que lá em baixo se consuma.

Minha revolta aumenta, amplia-se, toma proporções estranhas, - e quando Belmonte é colhido pelo touro, quando se enreda nas hastes deste, minha alma, que se comove ante uma simples ferida, foi iluminada por um relâmpago de íntima alegria. Eu tinha suposto que aquele homem já não sairia senão morto de sob a cabeça do touro...

Recordo ainda com horror, com o frio das sensações inconfessáveis, esse desejo monstruoso que brotou, como uma faúlha, da minha alma revoltada contra o espectáculo bárbaro.

Mas segundos depois essa faúlha apaga-se, porque já o toureiro se ergue e foge, ligeiro e ileso, do seu inimigo. E então, ante os novos cavalos que já transpunham a trincheira

para serem sacrificados, eu levanto-me e protesto e abandono a praça, - abandono aquela multidão desvairada. É a mesma multidão odiosa das arenas de Roma, é a mesma multidão que nas madrugadas das execuções se proscreeve dos leitos, para ir contemplar, numa bestialidade repugnante, o corpo dos condenados à morte a contorcer-se no garrote ou na forca, a cabeça dos decapitados pendurando-se sangrenta, clamando vingança, não das mãos delicadas, voluptuosas, da filha de Herodiades, mas sim das mãos imundas, indignas, do carasco.

Ferreira de Castro

A Batalha, Suplemento Semanal Ilustrado

nº 29, 16/6/1924

Touros de Morte

O espectáculo bárbaro a que a Espanha chama a sua "festa nacional" tem uma influência enorme no embrutecimento das massas. O clericalismo, que ocultamente domina a Espanha, sabe-o e acarinha e protege a torpe exibição, afervorando os sanguinários instintos do povo... Mussolini, que não lhe ignora o alcance, tratou de introduzir o espectáculo das touradas em Roma. Nas Américas Central e do Sul, de aparente civilização brilhante, mas selvagens no fundo, as brutalidades tauromáquicas têm grande voga.

Em Portugal há quase dois séculos que o espectáculo da morte do touro na arena era substituído por umas pantomimas ridículas, que apesar de tudo satisfaziam as pessoas de espírito fraco, amantes de sensações fortes.

Como as touradas estavam a morrer de inanição, por lhes fugir o público, arrastado para outras diversões, não menos grosseiras mas menos bárbaras, as desportivas - empresários solertes lembram-se de vivificar a ignóbil comédia, pela introdução de um elemento novo - a morte do touro. E para captarem essa famélica rameira que é a imprensa venal, deram-lhe, necessariamente, de comer.

Realizou-se há dias um almoço, onde se reuniram representantes de jornais da moagem e da finança, da reacção polí-

tica e da reacção clerical, concertando, entre um bater de orelhas voraz, a campanha a fazer pró touros de morte.

O sr. Mendes, um cavalheiro de boas maneiras e doces falas, que além de outros cargos é governador do distrito, prometeu que sim, que aquiesceria, mas só uma vez, para as Misericórdias e havia de ir ainda pedir licença à sua Sociedade Protectora.

Consumar-se-á a monstrosidade? Ou tratar-se-á de outra burla, como a da anterior festa em honra dos “nossos heróicos aviadores”? Seja porém como for, os prelos, bem untados gemem.

É preciso portanto estarmos alerta. Pensar de maneira diferente da nossa é respeitável; agir por forma a destruir no espírito das massas ignorantes aquelas vagas noções de piedade para com os animais, que a tanto custo se têm incutido, vincular nelas os sanguinários instintos que não perdem ocasião de se revelar, contribuir para bestializar ainda mais o animal humano – é que é intolerável.

Se alguma piedade temos pelo touro que morre na praça, temo-la infinitamente maior pela fera que assiste ao espectáculo. É essa que é preciso salvar sr. governador.

E depois, sr. Mendes, para as Misericórdias, é boal E não haverá uma Misericórdia para os touros!

A Batalha, Suplemento Semanal Ilustrado,
nº 38, 18/8/1924

Mérito, generosidade e filantropia

O Homem foi durante longos séculos um poço de vaidade. Só agora principia a compreender que não passa de um humilde ignorante. Julgou-se o rei da Natureza, acreditou que Deus criara o mundo para seu exclusivo gozo, que o Sol fulgurava nos céus apenas para o alumiar e que a Lua surgia pálida e romântica para povoar de sonhos as noites que ele desperdiçava em loucuras amorosas.

E essa certeza de que o universo lhe pertencia fê-lo imaginar-se tão grande, tão poderoso, como o próprio universo. Deus onipotente na Terra, quis dominar a Terra; subjugou os animais cuja linguagem não entendia, cuja forma de viver, absolutamente diversa da sua, lhe parecia inferior.

E como não compreendia o sofrimento dos cães, a passividade dos bois, a candura das ovelhas, nem o voo amplo e harmonioso das aves, julgou-se melhor e mais útil do que eles – proclamou-se a si próprio o mais inteligente.

Abusou dessa inteligência e fez-se cruel, e subiu a carasco e alçou-se a dono de todos os seres vivos que não falavam como ele – nem erravam como ele. Chegou-se ao boi paciente e dócil e atrelou-o a uma charrua; do cavalo fez objecto

de luxo, das aves ingénuas e meigas carne de alimento. Escravizou, martirizou, assassinou, cōnscio de que a sua superioridade e a sua perfeição lhe davam o direito à crueldade e ao crime.

Reconhecida então pela humanidade "sábia" a estupidez do burro e a inferioridade do cão, o homem deixou de ter remorsos de ferir e de matar. Porém, o sábio verificou que perdido o respeito pela vida dos seus inferiores o homem acabava por assassinar o próprio homem; que estabelecido o direito de transformar em escravos os animais incompreendidos, o homem se permitia escravizar o seu próprio irmão. E ergueram-se forcas e patíbulos, e obrigaram-se homens a viver como animais inconscientes, trabalhando forçadamente, sob o chicote e o azorrague. Estes crimes praticaram-se durante muitos séculos, impunemente, em nome de um Direito absurdo, porque o homem-sábio, seguro de que um divino decreto o investira de poderes ilimitados, não se esforçando por compreender a alma misteriosa dos animais, negou-lhes a sensibilidade, a inteligência e, portanto, o direito à vida. E enquadrando entre as espécies consideradas animais alguns dos seus irmãos, atribuiu aos escravos, ao povo humilde e laborioso, a inferioridade, a insensibilidade e a tacanhez mental que supunha nos cães, nos cavalos e nos carneiros. Requirindo a sua crueldade, procurando em todas as facetas do seu direito ao domínio o máximo prazer e a máxima beleza para distracção do espírito e para gozo egoísta, lançou homens e feras em circos monumentais, para vê-los lutar e dilacerar-se mutuamente as carnes famélicas.

Os espectadores saíam desses espectáculos bárbaros embriagados de sangue, cambaleantes de gozo, como bêbedos encharcados num vinho poderoso que transformasse em crueldade a sua sede de beleza.

As touradas violentas com o seu aspecto tumultuoso, bárbaro e sangrento são filhas desse Direito cruel que o homem se atribuiu de dispor a seu talante da vida dos seres pa-

ra seu exclusivo gozo. A tourada é todo um passado de despotismo, barbaria e ignorância que ressurgue numa tarde de sol, ao som estridente de músicas primitivas que excitando os ouvidos corrompem a alma. É a alma cruel do homem néscio que julgou um dia que tudo no mundo podia ser submetido aos seus instintos bestiais, porque um deus mais néscio e mais cruel criara o universo apenas para deslumbrá-lo.

Aqueles, porém, cujas almas foram tocadas pela Dúvida germinadora da Ciência e se perguntaram se quem sofre tem direito a fazer sofrer; esses em cujos cérebros fecundos cresceu viçosa a flor do Escrúpulo irradiando o perfume estonteante duma moral mais nova e mais justa; esses que sabendo-se um grão de areia perdido no deserto incomensurável da vida – esses hesitam, esses não se julgam no direito de sacrificar os seres aos seus caprichos. Esses criaram um novo direito de viver, que abraça no mesmo amplexo luminosos homens e animais, aves e flores...

A inferioridade e a estupidez dos animais está perdendo o carácter de dogma que até hoje tem predominado. Maeterlink tem sobre esses assuntos livros admiráveis. Num desses livros se conta da inteligência dum cavalo que um homem paciente educou, como se educa uma criança, cousas tocantes e extraordinárias. Esse cavalo, que aprendeu facilmente a escrever e a contar, ditava a seu dono pensamentos espontâneos e raciocinados, fazia cálculos matemáticos e mentais que a média dos homens ignora.

Casos destes fazem-nos pensar que talvez os animais possuam uma sensibilidade apurada, mais apurada – quem sabe? – do que a própria sensibilidade humana. A configuração especial de cada espécie animal, supõe-se, é ainda hoje uma fronteira alta que não permite fácil comunicação entre a sensibilidade humana e a dos outros animais. Entretanto,

casos como o do cavalo citado por Maeterlink fazem-nos prever que num futuro próximo ou longínquo a barreira desaparecerá e os animais que hoje sabemos capazes de sofrer, amanhã, conhecidos os seus meios de comunicação, talvez exprimam com mais espiritualidade os seus sofrimentos, os seus estados de alma do que muitos homens requintados e pervertidos por uma civilização falsa.

Numa tourada, o único animal nobre é o touro. Roubado à campina onde vivia livre e feliz, encurralado numa arena estreita e ultrajante para a sua sede de liberdade, aguilhoado, excitado pelo ulular da multidão inculta, o touro investe – e defende-se. O seu ataque é nobre, feito de frente, com galhardia. O sangue que lhe corre dos flancos rasgados não o abate, não lhe quebra o ânimo. Luta até ao último momento. E quando cai varado pelo ferro traiçoeiro, a sua morte é bela grandiosa e teatral. Tomaram muitos homens saber morrer como ele morre...

Numa tourada há apenas duas feras bárbaras, sedentas de sangue e de morte: a multidão e o toureiro. A corrida que se realizou na quarta feira última na praça do Campo Pequeno, decorreu num ambiente de exaltação, de delírio selvagem, de sangue e de crime que envergonha a espécie humana. Toda a ignorância bárbara de séculos mortos ressurgiu, lamentavelmente excitada pela imprensa sem escrúpulos, nessas doze mil pessoas ululantes como tigres, traiçoeiras como panteras. Como esse pobre touro, nobre e enérgico que morreu aos ataques brutais do rojão era superior em nobreza e valentia a esse pedaço de humanidade vergonhoso que na praça se acotovelou ávida de dor e de tragédia!

O mundo oficial, os homens que governam a sociedade lá estavam a dirigir com a sua presença o espectáculo de morte e barbaria. Como Nero nos circos romanos, onde se assas-

sinava e brutalizava, o presidente da República assistia do seu camarote ao triunfo da bestialidade sobre a inteligência, do crime sobre a bondade, da morte sobre a vida. E para que de futuro haja sempre apaixonados do sangue, a infância, a tenra infância que não tem pão nem escolas, assistia inconsciente, aprendia a matar, habituava-se à sangueira, preparava o espírito da guerra e a cobardia da bomba, para, envergando uma farda de polícia, matar trabalhadores como quem mata touros.

Os partidários da carnificina em cujas veias corre de certo o sangue dos Torquemadas e dos Césares romanos, levaram a sua perigosa loucura até ao insulto à humanidade, expondo numa vitrina, em plena baixa, a cabeça do touro ainda ensanguentada! Era o trofeu de glória! Cantem sinos de triunfo! Erguem-se vivas à barbaria!

Para coroar o crime era necessário tirar-se dele, com um gesto de efeito, um princípio de moral. E o presidente da república, figura máxima do regime, condecorou com a medalha de Mérito, *Generosidade e Filantropia* o espada "Maera".

Sr. presidente da república: tenho dois filhos pequenos, que não vão às touradas mas ouvem falar destas cousas bárbaras. E não sei, francamente, como explicar a razão porque "Maera" foi considerado pessoa de Mérito, *Generosidade e Filantropia*.

Mérito – meus filhos – terei de dizer-lhes para ser coerente com o gesto presidencial – é a arte de martirizar animais; *Generosidade* é o sentimento sanguinário que se alberga no peito de quem fere cruelmente; *Filantropia* é o acto bárbaro de quem assassina impunemente.

Mário Domingues
A Batalha, Suplemento Semanal Ilustrado,
nº 40, 1/9/1924

Touradas – escolas de imoralidade e crime

O proletariado defendendo os sãos princípios

Povo português, povo que se orgulha das mais belas tradições liberais, e em que a brisa calma e mansa que corre por este extremo ocidental da Europa ateia na mente a fogueira do sonho e afina na alma as cordas do sentimento.

Portugal, que na espontaneidade, na abnegação e no ar-rojo foi terra de poetas e heróis, mas que a ambição, o orgulho e a vaidade transformou em terra de corrompidos, de burgueses que são poços de ódio, e escravos que são mártires.

Terra onde medra a intriga, onde se levantam altares ao deus ódio, se erguem orações à imoralidade e à ignorância, e onde hoje, sobretudo, o capitalismo, a burguesia, e no geral todas as classes conservadoras se revelam possuídas de um aviltante estado de rebaixamento moral. Portugal de hoje, terra de vendidos, onde o roubo é modo de vida legal, onde se permeia o crime, se levantam hossanas à morte e onde há mãos que ousam educar seus filhos salientando-lhe como acto heróico e humanitário a *morte de um touro!*

Pobre terra esta, desgraçado povo este que está sob o influxo dos mais perniciosos exemplos que para cúmulo de desdita, lhe vêm do alto. Ai dele se não opõe, com a sua força esmagadora, um dique forte, indestrutível, à onda de corrupção que vem alastrando, alastrando sempre.

Mal vai um povo que tolera que o homem mate cobardemente o homem, e que por esse crime e essa cobardia seja premiado.

Baixa sentimentalidade revelaria um povo que admitisse que o homem matasse traiçoeiramente, que o homem matasse por prazer, por divertimento, ante os olhares cândidos duma infância, geração de amanhã, um animal na pujança da vida, matasse ante o gargalhar duma multidão selvagem um animal que foi arrancado à passividade da campina para ser morto por prazer, para fazer rir. Honra à União dos Sindicatos Operários de Lisboa que promoveu a primeira sessão de protesto contra a morte do touro, contra as touradas!

E existe neste país imprensa, existe gente que defende a morte do touro, que defende as touradas.

Com que autoridade virá amanhã essa imprensa e essa gente, queixar-se de desmandos, violências e imoralidades se são eles que defendem a escola do crime, a escola que envenena e entorpece a sentimentalidade?

Se partidários e defensores são da escola imoral, daquela que eles entendem que deve fazer a apologia da morte, que deve bater as palmas ante o espectáculo bárbaro da morte de um touro, das touradas, e ante a ridícula e imoral consagração de qualquer *diestro*, com que autoridade virão amanhã condenar aquele desvairado que num momento de alucinação arremessou uma bomba, ou aquele outro que assassinou o seu semelhante, o irmão ou a mãe? Foram eles que lhe envenenaram a alma e entorpeceram a consciência e o sentimento, ensinando-o a rir ante o sangue que corre da ferida mortal feita no touro num gesto covarde, pela mão do homem armada de aço.

Se no íntimo dos povos se devem cantar hinos de respeito pelo homem que ali passa curvado ao peso dos anos, pela inocência pura e inconsciente, pela avesinha que canta debruçada sobre o ninho onde pipilam os filhinhos, pelo cão vadio que se perdeu do dono, pela formiga pequena onde vamos buscar exemplos de trabalho; se nós devemos pregar o respeito e carinho por todos os animais, com que razão pretendem manter o princípio de, a rufos de tambor ou a toques de clarim, arrancar gargalhadas a um povo, ante a covardia do homem e a lealdade do touro? Não!... Se pretendemos moralizar as gerações há-de ser em todos os campos, há-de ser infiltrando-lhes na alma princípios humanitários.

Que incoerência brutal certa gente nos revela!... Ontem os discípulos de Loyola, os parentes mais próximos de Torquemada, e no geral todos os conservadores, estabeleceram que os indivíduos que matassem animais no matadouro, que cortassem carne no talho, que fossem carcereiros ou carrascos, não gozavam de determinados privilégios, consideravam-se mesmo excomungados. Hoje, são sobretudo os discípulos de Loyola, os parentes próximos de Torquemada e todos os conservadores que defendem as touradas e a morte do touro na praça, e entendem que se devem consagrar os matadores...

Com alegria imensa nós reconhecemos que hoje é a ralé baixa que eles olhavam com desdém, que é a massa enorme dos trabalhadores, que se revela consciente e sentimental. Hoje são os escravos do capital, aqueles que amassam com o seu suor o pão que não chega para cada dia, que defendem os princípios da mais bela e sã moral. É a avalanche poderosa dos trabalhadores que protesta contra o espectáculo imoral das touradas, que luta por fazer triunfar princípios que fortaleçam a consciência e afinem o sentimento. E enquanto nós vemos os conservadores, que a si mesmos se arrogam de letrados e educados, defenderem princípios injustos e pretenderem trazer para o seio dos povos a prática de actos que nada mais seriam que uma verdadeira escola de entorpecimento

moral, e consequentemente de crime, nós vemos do outro lado o proletariado português encarnar os seus princípios, reclamando, no meio da sua incultura, para os seus filhos uma escola de avigoramento moral.

E nós, proletário também, nós que como os restantes trabalhadores vemos nas touradas a revelação duma selvática barbárie, que vemos nelas, pelo entorpecimento moral que causam no povo, perigosas escolas de incitamento à imoralidade e ao crime, apoiamos em absoluto o movimento de protesto da União dos Sindicatos Operários de Lisboa, e lançamos daqui o nosso veemente protesto contra a “morte do touro” e contra a realização das touradas em geral.

Carvalho Duarte

*A Batalha, Suplemento Semanal Ilustrado,
nº 43, 22/9/1924*

As touradas

Diálogo entre mãe e filha

P. - A mamã devia hoje dizer-me o que é uma tourada e o que são touros de morte em que tanto se fala agora?

R. - É um acto cheio de crueldade matar-se um touro numa praça cheia de público, e tão selvagem é o que mata o touro como os que consentem. Isto depois do animal e o homem andarem na *lide* a mostrar qual dos dois é mais fera: o homem a espicaçar e a enfurecer o animal e este enfurecido a querer vingar-se do mal que aquele lhe faz. Toda esta selvajaria é para divertir e perverter os espectadores.

P. - Mas o avôzinho disse-me que no tempo dele já havia touros de morte.

R. - Isso é verdade, mas não é razão para querermos a continuação desse espectáculo degradante. Querer avivar no espírito do povo, e principalmente das crianças, os actos sanguinários dos seus antepassados é querer retrogradar na sua marcha a Civilização dum povo, e isso é um crime de lesa Humanidade que se não deve admitir a pessoas de bom senso *seja com que fim for*.

P. - Mas eu li que há nações que ainda têm touradas assim; é verdade?

R. - Infelizmente é certo, mas isso não é razão porque também há nações que têm ainda a pena de morte, e nós, honra nos seja feita, não a temos. Alguma coisa devemos ter melhor que os outros países e deles só devíamos importar o que fosse melhor.

P. - Mas eu li que era para os pobrezinhos o produto desse espectáculo, e são esses que perdem não é assim?

R. - Não, minha filha, isso é um falso pretexto que tu não percebes e que eu não desejava que tu soubesses, mas em vista de ser preciso conheceres as intenções gananciosas de certos indivíduos, sempre vou explicar o que se passa. O que certa gente queria é que os touros de morte fossem outra vez permitidos, não só para despertar o interesse do povo que felizmente parece ir fugindo das touradas, mas também porque os lavradores que dão os touros para a praça ganham mais vendendo-os para serem mortos do que alugando-os para serem lidados nas praças. É essa gente, que lucra com as touradas, que veio a público, fazendo-se amiga da pobreza mas com o fim reservado de aumentar os seus interesses. Que lhes importava trabalhar e dar para a primeira tourada os touros gratuitamente, se isso lhes proporcionava grandes lucros nas touradas seguintes? Dando um bodo aos asilos cativava uma parte ingénua do povo para a colocar a seu lado para terem quem os defendesse nestes seus desígnios. Além disso, os pobres nada perdem, porque o estado lhes vai dar a assistência que lhes é devida.

P. - A mamã é contra as touradas, quer matem o touro quer não?

R. - Sou sim, minha filha; tu bem sabes que desejo que só se realizem espectáculos educativos e desejava também que ao contarmos às crianças as barbaridades feitas nos circos, antigamente, deitando pessoas às feras, não tivéssemos de cobrir a cara de vergonha por se realizarem ainda hoje espectáculos da mesma natureza, com a agravante de mascararem os seus

intuitos, pervertendo o povo e troçando com a pobreza, pois não é senão um escárnio fazerem-se de beneméritos para conseguirem mais facilmente os seus interesses.

P. - Há muita gente que ganha com as touradas?

R. - Há, sim: são os empresários, os lavradores que alugam os touros, os cavaleiros, os bandarilheiros e outros.

P. - Mas então esses homens ficam sem ganhar a vida se as touradas acabassem?

R. - Não, minha filha, esses homens dedicavam a sua actividade a outro modo de vida.

P. - Mas como pode isso ser?

R. - Muito bem. Os lavradores continuavam a lavrar a terra e a ter bois para a lavoura e o matadouro enquanto houvesse quem não pudesse passar sem carne, isto é, até que todas as casas fossem como a nossa, onde não entra carne nem vinho, e nós temos saúde.

P. - E os cavaleiros, em que se empregavam?

R. - Esses tinham também um campo muito vasto e muito mais interessante. Como a sua habilidade é montarem bem e adestrarem os cavalos, podiam dedicar-se a professores de equitação e aqueles que se quisessem exhibir em público podiam fazê-lo em exercícios de alta escola ou em concursos hípicas.

P. - E os bandarilheiros o que fariam?

R. - Esses continuavam a ser o que são, pois que todos têm outro modo de vida e nos domingos descansavam.

P. - E a praça para que servia?

R. - Podia servir para jogos desportivos, danças, exercícios de ginástica, etc.. Imagina tu que interessante seria os cavaleiros realizarem ali um espectáculo público para a beneficência onde mostrassem os seus dotes artísticos sem touros e sem perigo, como no jogo da rosa e tantos outros consentâneos com a nossa civilização e onde não aparecessem manifestações que desenvolvam nas multidões os instintos de ferocidade e que tão fáceis são de se excitar.

P. - Então de quem tem a mamã mais pena, dos touros ou dos homens?

R. - Tenho pena dos touros, quer morram na praça, quer no matadouro e tanto assim que, para nós felizmente, já não é preciso matar nenhum. Também tenho pena dos que lidam com eles, porque por uma falsa orientação e muitas vezes por conselhos se destinam àquela vida que tantos perigos oferece, mas de quem tenho mais pena é dos espectadores.

P. - Ora essa?! Mas os espectadores o que é que sofrem?!

R. - Para mim são os mais infelizes porque são os que mais sofrem e os que maior mal fazem à Sociedade. Aqueles restos de barbaria despertam neles instintos brutais e sanguinários cujas consequências são, por vezes, irremediáveis. A propaganda que vêm fazer cá fora daqueles espectáculos só serve para deseducar o povo que reproduz depois, em certas ocasiões, os gestos brutais que não faria se os não visse fazer ou não ouvisse relatar com entusiasmo doentio.

P. - Vou contar-te um caso que prova bem o que acima digo: uns sábios fizeram a seguinte experiência: isolaram uma criança numa casa de campo só com uma mulher maneta, isto é, sem mãos, e uma cabrinha para a alimentar; junto desta casa isolaram outra criança, alimentando-se da mesma maneira, mas a mulher que a tratava tinha mãos. Ao fim de quinze meses trouxeram as crianças para o convívio das outras; fizeram-nas zangar até chorar e fingiram que lhas batiam; e sabes o que notaram? Aquela que só tinha vivido com a maneta zangou-se, chorou mas não fazia o gesto de bater, porque nunca o tinha visto pela razão da mulherzinha com quem tinha convivido nunca lho fez por não ter mãos, ao passo que a outra, logo que a fizeram zangar defendia-se, querendo bater levantando as suas mãozitas. Já vez por isto, que a maior parte dos gestos grosseiros e agressivos os assimilamos por os vermos fazer e não porque sejam inatos.

P. - Então é por isso que a mamã não gosta que eu finja que bato no bebé?

R. - É. Pois eu desejo que tu diante do nosso bebé só tenhas maneiras delicadas e gestos que indiquem bondade, tanto mais que dizes que queres ser uma senhora professora.

P. - Mas há senhoras, mesmo até das nossas relações, que defendem as touradas!

R. - Essas senhoras não são boas mães e muito menos educadoras, porque uma senhora que se preze de ser uma boa mãe e educadora, nunca deve admitir, sem o seu protesto, espectáculos que briguem com a educação dum povo, antes devem ter a coragem de arrostar com as inimizades que daí lhe possam advir, pugnando sempre pela verdade tal qual a sintamos na nossa alma. É assim minha filha, que eu desejo que aprendas a ser mulher.

Adelaide Cabete

*A Batalha, Suplemento Semanal Ilustrado,
nº 47, 20/10/1924*

Vibrante protesto contra as touradas dos estudantes anarquistas de Coimbra

*Em todas as corridas de touros aparecem três feras
que são: o touro, o toureiro e o público.
O grau de ferocidade de cada uma destas três feras
pode calcular-se pelo seguinte: o touro é obrigado; o
toureiro obriga-se; o público vai por um acto espontâ-
neo da sua soberana vontade, e ainda por cima dá
dinheiro. Observai bem esta gradação: o touro, pro-
vocado, defende-se; o toureiro, fiel ao seu compro-
misso, toureia; o público diverte-se.
Nos bois: há força e instinto.
No toureiro: valor e destreza..
No público: não há senão... ferocidade.*

Victor Hugo

As touradas! No século XX – anacronismo revoltante!

Quem não conhece a genealogia das touradas?

Lançai um olhar retrospectivo aos tempos dos Césares e lá encontrareis a sua origem nos circos de Roma, em que os cristãos – os anarquistas de então – eram lançados às feras, para gáudio de uma multidão ignara e sanguissedenta, que, estultamente, reclamava *pão e festas*.

A história das touradas filia-se na história do passado negro e enlaivado de sangue – sangue de mártires.

As corridas de touros são um divertimento bárbaro e impróprio das nações civilizadas. Semelhantes espectáculos só servem para habituar o homem ao crime e à crueldade – proclamou Manuel da Silva Passos, nos considerandos com que justificava o decreto de 1836 que aboliu as touradas, e proclamam todos os homens conscientes que anseiam pela dignificação da Humanidade.

Excitar, com espectáculos bárbaros, os mais baixos instintos do ser humano, é um crime repugnante que muitos, inconscientemente, aplaudem, mas que nós, anarquistas, que muito prezamos a educação do povo, não deixaremos de vergastar.

Condenamos os espectáculos selváticos, menos pela estupidez que traduzem que pela perniciosa influência que exercem nos sentimentos afectivos das populações.

Portugal e Espanha, atrasadas socialmente das outras nações, permitindo as touradas, esquecem aquela verdade que Victor Hugo anunciou: *a protecção aos animais faz parte da cultura e da moral dos povos.*

Parece incrível que homens haja – homens-feras – a quem divirtam os padecimentos dos outros seres que, como nós, fazem parte do Todo.

Ah! Como isto indigna! Quando em tal pensamos avermelham-se ainda mais as rosas da nossa sagrada revolta!

Pedagogos, irmãos que fazeis do ensino um sacerdócio, ensinai as criancinhas – a Humanidade de amanhã – a respeitar os animais, evitando-se, desta sorte, que surjam homens – chacais que degradam a espécie humana – como são os toureiros e o público das touradas – este, a fera mais repelente, por ser a mais covarde, turba cínica e ululante, que ovaciona o crime, satisfeita com ver correr sangue!

Permiti, homens de ideias elevadas que pretendeis uma humanidade melhor, que vos recordemos estas palavras de Jules Lemaitre: *tornar os homens bons para com os animais é dispô-los a serem melhores para com os seus semelhantes.*

Ao lado duma Universidade, donde a luz jorra seus clarões redentores – um touril, tabuleta da bestialidade humana, antro onde as gentes vão sifilisar a alma!

Quando por todo o mundo se clama: Instrução! Luz! Educação!... ergue-se em Coimbra – berço da Luz – uma construção tenebrosa!

Labéu, infâmia, escárnio, contra o qual só a nossa voz se ergueu indignada!

Quem lucrou com isto? A cidade? – Não! O Capital e a Estupidez!

Quem perdeu? – A sagrada educação do Povo! A Civilização! O Amor! A Beleza!

Onde está a Sociedade Protectora dos Animais e a Imprensa honesta de Coimbra – tudo se prostituiu – que não gritaram contra tamanha monstruosidade?

Na sua falsa concepção do Progresso, muitas vezes – que, aliás não chegam ao céu – e entre elas a da Imprensa de Coimbra, afirmam, cretinamente, que Coimbra progrediu.

Porque não criam também, um prostíbulo monumental, com requintes dum luxo asiático? Porque não criam também, uma monumental casa de tavolagem?

Nababos orientais, sibaritas endinheirados de todo o orbe, fariam convergir para esta cidade seus ferazes rios de ouro – e Coimbra progrediria...

Coimbra não tem um bairro operário e outros melhoramentos de que carece.

Coimbra está muito longe de ser uma cidade moderna. Possui, em compensação, um touril.

Que Coimbra subiu. Só nós achamos que desceu.

Povo! Não vás às touradas – elas embrutecem-te o espírito e embotam-te a sensibilidade!

Jovens académicos, jovens operários, peitos generosos! – odiai as arenas onde corre o sangue rubro dos touros!

Mães! Não consentais que vossos filhos vão a esses nefandos espectáculos corromper a sua inocência!

Dignifiquemos a humanidade; tornemo-nos dignos de nós próprios; mostremos a nossa superioridade de seres racionais!

Abaixo as touradas e todas as manifestações de brutalidade!

Por um mundo de maior Beleza, de mais Amor!

Grupos Os Rebeldes e Labareda
A Batalha, Suplemento Semanal Ilustrado,
nº 89, 10/8/1925

Carta ao sr. Governador Civil, com um pedido particular

Vila Franca de Xira, Outubro 1925

Exmo. Sr.

Eu sei que V.Ex^a tem muito que fazer e muito em que pensar. O cargo de Governador Civil de Lisboa é dos que dão água pela barba. É certo que as coisas da política e das eleições se aldrabam pelo Terreiro do Paço; que a ordem pública é com a Polícia e o Carmo - lá as armam lá as desarmam; que dos abastecimentos se encarrega aquela bela rapaziada dos fiscais; e que os passaportes correm pela repartição respectiva; mas tem V^a Ex^a esse calvário da inspecção dos teatros e a tragédia de dar esmolas com o dinheiro das casas de batota. Só nisto das esmolas V^a Ex^a ganha - queixa do peito! Distraia porém V^a Ex^a alguns momentos desse seu Governo e escute-me.

Há dias realizou-se nesta vila uma tourada, em que foram mortos dois touros. Diziam que era proibido matar. Tolices! O representante da autoridade, representante portanto

de V^a Ex^a, do dr. Sr. Domingos Pereira e do sr. Teixeira Gomes, atendeu os justos pedidos da população, que gritava: que se mate, que se mate! E voltou o polegar para baixo... E dois touros rolaram na arena sangrenta, como outrora os cristãos no Coliseu dos Recreios de Nero...

Ouçã V^a Ex^a a descrição do tipo de um dos touros, feita cá por um “colega”: – “Outro bicho! Ah! gente de bom gosto! Que lindo bicho! É um *jabonero*, novito, mas lindo, tipo de escultura, cabeça nervosa e hastes curtas e aguçadas”.

Repare V^a Ex^a agora na cena:

“Então o de Triana (o matador) aponta e a espada, tocando o osso *descáida*, salta ao chão. O bicho pensa: *ainda não foi desta*, e dá duas voltas feliz. Mas Angelito tapa-o com o pano vermelho, perfila-se de lado, aponta e a espada vai, com destino ao coração, até ao meio, ferido de morte, o *jabonero* não ajoelha. Fica ao centro a olhar o sol, que venceu as nuvens e enche a praça.

Respiração suspensa. Capotes, mais capotes, e o lindo bicho encosta-se às tábuas, à espera, à espera...

Enfim, o de Triana toma outra espada, fina – como uma sentença de morte – e *descabella*, com felicidade.

Lindo touro! Caiu redondo... Emoção. Voltas. Música. Palmas. Lenços.”

E o cronista conta por último, que depois da corrida o *jabonero* foi passeado, morto, de trem, pelas ruas desta vila “vencido e orgulhoso.”

A quem ficámos devendo todos este espectáculo extraordinariamente emocionante? Ora a quem.. Ao Malta. V^a Ex^a não conhece?! Nem V^a Ex^a conhece outra coisa! O Malta! O Maltazinho... Um companheiro, um “cara direita” e um “bom republicano!”

Pois aqui tem V^a Ex^a porque o venho incomodar. O povo quer recompensar Malta. Pensou-se em oferecer-lhe um ban-

quiete na Lezíria, em elegê-lo deputado, em nomeá-lo revolucionário civil. A modéstia de Malta obstinadamente recusa. Há uma coisa porém, a que nenhum Malta resiste... V^a Ex^a já me percebeu... É aquilo que V^{as} Ex^{as} todos têm, que, numa palavra, a Malta toda possui!...

É a medalhinha, a venera ou lá o que é e que pelo nome não perca.

A Torre e Espada estava a calhar. O valor, a lealdade e o mérito ali! que nem um homem. Se não puder ser porém – o Cristo. O Cristo, sr. Governador, com a sua roseta vermelha, até estava a dizer... E mesmo o Santiago, porque não? O mérito científico, artístico e literário, demonstraram-se ali. Aquilo tem muita ciência e muita arte e dá lugar a muito boa literatura, como V^a Ex^a pode verificar pela amostra acima.

Ao menos sr. Governador Civil se de todo em todo não puder ser qualquer das outras – a Filantropia e a Generosidade. Pois não há filantropia e generosidade em poupar trabalho aos magarefes, dando ao mesmo tempo uma lição de disciplina democrática, de obediência à vontade popular?

Porque foi o Povo, o Povo soberano quem exigiu a morte do touro. Foi o Povo, foi o “Sol” quem gritou: que se mate, que se mate! E a autoridade, verdadeiramente cônica dos seus deveres – obedeceu. Então porque merece ser premiada a autoridade? Por ter sabido romper com uma ignominiosa tradição secular. É certo que V^a Ex^a e o sr. Presidente da República já tinham autorizado os rojões mas, que é isso comparado com aquele estranho ritual de apontar a espada, que toca o osso “descaída” e salta ao chão; com aquela volúpia de “tapar” o touro com o pano vermelho, “perfilar-se” uma pessoa de lado e apontar a espada que vai, com destino ao coração, até ao meio; com aquele delírio de tomar outra espada, fina como uma sentença de morte e de *descabellar* com felicidade?

Note V^a Ex^a – com felicidade; e depois passear pelas ruas o touro de tipóia, morto, “vencido e orgulhoso”.

É por estas e por outras que se verifica, sr. Governador,

que esta República é aquela por que nós sonhávamos, nós que não pensamos como esse reaccionário Boto Machado, que apresentou no Parlamento um projecto de lei abolindo as touzadas, nós, os “aficionados”, recebemos dinheiro dos “apoderados”, para os touros serem “estoqueados”.

Do que o povo precisa é disto, sr. Governador, destas lições de valentia e de coragem moral. Dêem-lhe touros de morte e autoridades democráticas, dêem-lhe um pouco de sangue, mesmo de boi, e ele regressará galhardo aos tempos heróicos das Conquistas, das Navegações e dos Descobrimentos.

V^a Ex^a, pela sua rica saúde, não vá supor que estou falando por ironia. Isto é a pura da verdade. Temos exemplos de casos e bem recentes. Olhe V^a Ex^a o 19 de Outubro... V^a Ex^a ainda não tinha autorizado os touros-de-morte, mas só com o cheiro do que ia por Espanha, fez-se aí uma “faena” linda.

V^a Ex^a lembra-se do homem que matou António Granjo? Era um clarim ou corneteiro da G.N.R. (nunca se apurou bem se era uma coisa ou outra, só se sabe que era da música), que ao sair do Arsenal com o sabre, que embebera no corpo desse político, a pingar sangue, rugia – já o pinchei, já o pinchei!

Vê V^a Ex^a!... Termos técnicos. Linguagem tauromáquica.

Amanhã quando suceder o mesmo ao sr. dr. Domingos Pereira ou a V^a Ex^a (longe vá o agouro!), outro clarim ou outro corneteiro – outro da música – rugirá – já o *descabellei*, já o *descabellei*, com felicidade!...

Não empalideça V^a Ex^a, que diabo! Somos homens! E os homens são para as ocasiões! Mas é a lógica. Com ensaios como o que o Malta regeu, “eles”, que já têm queda para a música, organizam aí um orfeão de primeiríssima ordem.

E olhe V^a Ex^a que eu não vejo isto pelo “lado do boi”, vejo pelo lado “deles”, cá pelo meu lado. Conheço-“os”; conhecemos. Quem finge desconhecê-“los”, que não se queixe depois.

Afinal, eu estava a desconversar. Não se esqueça V^a Ex^a mas é da Legião Vermelha, Legião de Honra, Cruz de Guerra ou Cruz de Cristo lá para o Malta. Bem a merece, o rapaz.

Que em boa verdade, este pedido não devia partir de mim, um pobre diabo sem influências... Estavam lá na touxada tantos senhores finos. Até estavam jovens Professores de Universidade; jornalistas de sangue azul e sangue às riscas; asas gloriosas de aviadores; próximos futuros certos deputados, tudo gente de bem e que se rebolou com o espectáculo que o Malta deu mai-lo da Triana.

Eles é que deviam falar, eles é que deviam pedir. V^a Ex^a a eles atendia-os e com certeza não vai escutar esta

Voz que Clama no Deserto
A Batalha, Suplemento Semanal Ilustrado,
nº 99, 19/10/1925

A “nobre” arte do toureio

Actividades criminosas são as do criador de touros, a dos toureiros e as dos organizadores de corridas – O governador Civil de Lisboa ao mesmo tempo que proíbe o aguilhão com que se usa espiçar os bois de trabalho, passa o tempo a organizar corridas, mascarando o barbarismo com falsas aparências de caridade e filantropia

Não sejamos bárbaros! – Depois de nos esfacelarmos uns aos outros a tiro, à navalha e à bomba, não queiramos também fazer dos pobres animais vítimas inocentes da nossa falta de educação e sensibilidade.

O grau de cultura não pode aquilatar-se, no momento presente, apenas pela soma de trabalhos científicos que esse povo produz, pelo seu desenvolvimento artístico ou intelectual, ou pelas suas faculdades inventivas ou criadoras. Há uma pedra de toque mais preciosa ainda, que é o grau de sensibilidade desse povo, avaliado pela maneira por que ele trata os seus irmãos inferiores – os animais.

Dentre tantos que defendem a barbaridade das corridas de touros, dos combates de galos e do tiro aos pombos, é pro-

vável que não haja um só que, por momentos, se tivesse dado ao trabalho de pensar quanta soma de egoísmo, de brutalidade, de malevolência, de estupidez, de ferocidade e de ingrati-dão, existe em qualquer destas tristes manifestações duma ci-vilização atrasada, plena de fereza atávica, herdada dos lon-gínquos tempos em que o homem, com o seu mais apurado engenho, teve que disputar ao leão, à pantera, ao leopardo, à hiena e às demais feras, o apetecido vitelo, ou o carneiro in-defeso de que tinha necessidade para a sua alimentação.

Nenhum desses, ao embriagar-se, nas praças de touros, com o cheiro do sangue generoso de um dos seus mais úteis au-xiliares, pensou ainda que uma grande parte do bem que des-fruta, aos mansos bois o deve; porque eles são, desde remotos tempos, os escravos submissos do vosso aguilhão de mando, ao qual obedecem sem protesto, puxando o carro, revolvendo a terra, carregando os cereais, debulhando os trigos, enchendo-nos os celeiros, reservando para si apenas a parte inútil de tu-do isso - a palha que teríamos de reduzir a cinzas ou a estru-me. E, sempre pachorrentos, sempre dóceis, sempre fiéis, sem-pre meigos, conhecendo as crianças, não fazendo mal aos ou-tros animais, com os seus grandes olhos cheios de meiguice e ternura, os bois, os mansos bois do campo, são uma parte importante das famílias campestinas que neles têm os seus mais dedicados auxiliares.

E no fim de uma vida de trabalho, sem exigência de solda-da, lá vão, a caminho do matadouro, coroar uma existência de sacrifício em favor da humanidade, recebendo ali, como pré-mio da sua dedicação, o golpe de misericórdia que põe fim ao seu martírio.

Durante a vida foram os bois uma fonte de receita para o seu dono; depois da morte ainda lhe legam a sua carne, a sua pele, os seus ossos, todos os seus despojos, enfim, porque do boi nada se despreza, nada se inutiliza, tudo tem valor, tudo tem aproveitamento.

A vida do boi de trabalho, guiado pela soga do abegão

amigo, é um dos mais belos exemplos de abnegação que podemos colher entre os animais, cujos serviços, em nosso proveito costumamos utilizar.

Estamos a adivinhar que um sorriso irónico dos que – para se darem ares de valentões – defendem as corridas de touros e, o que é mais bárbaro ainda, a morte dos touros em plena praça, depois de os martirizar a ferros e a rojão, nos virá perguntar se o nosso elogio ao boi de trabalho pode estender-se também ao boi bravo, ao touro, que escarvando as leivas da campina constitui um perigo para o viandante e que nenhum auxílio presta ao homem na faina pesada dos trabalhos agrícolas.

A esses responderemos que, se o touro bravo mantém todas as ferozes características da raça, que procura matar os outros animais que dele se aproximam, a culpa é ainda do homem que, em vez de procurar domesticá-lo para o trabalho útil, tem como única preocupação apurar-lhe as suas qualidades de braveza e não *bravura*, para lhas aproveitar no redondel, no mercantilismo sórdido e egoísta, que tem dum lado a bruta coragem do irracional e do outro a estupidez alvar do povo analfabeto, quase irracional também.

Há tempo, no 1º Congresso Ribatejano, um médico – um amigo da humanidade!... – defendeu uma tese, na qual afirmava que devem intensificar-se as touradas, *porque são escolas de agilidade, destreza, força e audácia – sínteses deslumbrantes de cor, das velhas lutas frente a frente*. Afirmou, mas não provou que isto seja assim.

Ainda não está provado que o ribatejano, o que vive em quase permanente contacto com os touros, em tentas, apartes, ferras e corridas, seja mais ágil, mais destro, mais forte e audaz, do que o algarvio ou que o minhoto que não aprecia os combates deslealíssimos e estúpidos entre um homem e uma fera, pelo mesmo homem preparada.

O que está provado, desgraçadamente para nós, é que apesar da nossa força e agilidade, criadas no ambiente forte

das corridas, somos um povo bárbaro e decadente.

Comparemos a Alemanha, a Holanda, a Bélgica, a Suíça e a França, na sua quase totalidade população, que ocupa a sua força, a sua destreza, e sobretudo a sua inteligência em trabalhos úteis à colectividade, com os povos peninsulares, sedentos de sangue taurino, e vejamos para que lado se inclina o prato da balança,

Também sabemos que nos hão-de objectar que os povos do norte têm outro temperamento, outra forma de cultura, outro vigor de raça, o que será um facto; mas isso apenas reforça o nosso asserto, visto que, para o seu desenvolvimento eles nunca precisaram do estimulante das touradas, nem da prática constante da mais requintada brutalidade, como é a luta cem vezes desigual entre um homem que pensa e um touro que se sangra para que não possa defender-se.

“A tourada”, diz a tese do dr. Mota Cabral, a que já nos referimos, “é um espectáculo viril que, pelos frémitos da luta e pelo cheiro de sangue, desperta no homem instintos de acção”... ou antes, afirmamos nós, instintos perversos que bem bom seria reprimir e nunca despertar ou encorajar. Sanguinários somos nós já em demasia. Para que tentar avivar em nós esses sentimentos bárbaros que a civilização de séculos ainda não conseguiu expungir de todo?

Mais adiante trataremos da barbaridade da morte do touro, em plena praça, à espada ou a rojão; porque, por agora, ainda temos que nos deter um pouco na apreciação do grande crime social que representa a criação dos touros de lida, em detrimento da propagação dos bois de trabalho, tão necessários ainda à nossa agricultura atrasada e rotineira.

É dever iniludível das sociedades, que pretendem progredir moral e intelectualmente, lançar mão de todas as formas e processos capazes de modificar para melhor o estado do seu aperfeiçoamento, cortando todas as excrescências perniciosas, amputando mesmo os gangrenados membros. E, para o conseguir, bem louvável será, desprezar por completo as tra-

dições que nada representam, muito principalmente quando essas tradições representam uma parte importante da nossa barbaria atávica que é preciso apagar para sempre.

Que se diria, que se poderá dizer actualmente – com mágoa o constatamos – da sociedade que, esquecida por completo dos seus sagrados deveres cívicos, se entretenha a fomentar a desordem e a indisciplina, a incitar os seus membros à prática dos mais repugnantes crimes, apenas com o fim egoísta e selvagem de os poder castigar depois com todos os requintes de malvadez?

Que ideia deveremos nós fazer hoje daqueles imperadores romanos que mandavam fechar os olhos, durante meses e meses, às práticas do cristianismo, tão somente para, na ocasião das bacanais e outros ruidosos divertimentos públicos, poderem encher mais facilmente de vítimas as cavernas do circo?

Pois é assim mesmo que procede o criador de touros!

Instiga, por processos vários a que chama científicos, à braveza os animais, cujo temperamento para ela se mostra tendente; e, nos diferentes cruzamentos e depurações de raça, em que põe muito maiores desvelos do que na educação dos filhos, chega a obter produtos duma ferocidade incalculável, a que, por aberração, chama nobreza de sangue.

A este crime alia o criador outros de não menor monta.

Deixa incultas milhares e milhares de jeiras de terra que poderiam e deveriam ser utilizadas na produção de trigo, com que abastecer as deficiências dos nossos celeiros.

É um novo crime; crime tanto mais grave, quanto é certo que o nosso mal estar actual tem como único ponto de partida a falta de pão.

Sacrifica à braveza dos seus touros muitas vidas de cavalos e homens, o que não sucederia se a sua actividade, inteligente e atilada, se devotasse ao útil aproveitamento dos seus campos, na criação de animais de trabalho, ou de cereais que aumentam a riqueza pública.

Propaga, entre a população alvar, a sede de sangue, o instinto de fazer mal, obliterando por completo, os sentimentos nobres e ternos da alma ingênua da gente de Portugal, que, apesar de tanto e tão variado trabalho em contrário, é ainda boa, é ainda meiga, é ainda simples.

E tudo isto se faz em nome de que princípios?

Em nome da animalidade, em nome do culto da besta que no fundo da alma humana existe e que uma pseudo civilização ainda não conseguiu amarfanhar por completo. É em nome de sanguinários instintos que apenas a educação recalca no fundo do nosso coração; é em nome duma civilização criminosa que os criadores de touros procedem, à sombra da muda contemplação das autoridades da República que continuam eivadas dos mesmos vícios que os extintos regimes nos deixaram como triste e vergonhosa herança.

Todos aqueles que lutam por um futuro mais igualitário e mais justo, não podem deixar de lamentar o grande atraso em que vivemos e que se encerra em alimentar o crime para ter o prazer – triste prazer! – de o punir depois.

O que é preciso é evitar o crime, é prevenir, com medidas justas e humanitárias, a prática que tantas vezes pessimamente orientadas paixões aconselham, e não alimentar por qualquer forma as facilidades dessas práticas, apenas com o fim de mais tarde saborearem o supremo gozo de sofrimento alheio.

E, se a nossa sociedade actual assim procede com os seus próprios membros para quem a fortuna nunca soube sorrir, abandonando-os aos seus próprios instintos e tantas vezes justos sentimentos de revolta, como queremos que ela proceda de maneira diferente para com os animais, ainda os mais úteis, ainda os que melhor merecem o nome de nossos irmãos na grande família da criação?

Ainda se consentem saltimbancos nas praças públicas para fazerem rir as multidões; e, como já não temos, pelo menos por enquanto, os autos de fé e as fogueiras da Inquisição para fazer rir as populações e estimular-lhes os seus sentimentos de ódio, e de vingança, e de fereza e de animalidade, vá de *intensificar e aperfeiçoar cada vez mais as touradas*, como diz a tese citada acima!

Triste atestado que a nós próprios passamos! Nem outra coisa mesmo será de esperar de um povo que conta quase 80% de analfabetos.

Que vergonha para nós! Exactamente as duas nações mais atrasadas da Europa, Portugal e Espanha, é que, à falta de melhor, pretendem intensificar a sua destreza farpeando touros depois de os obrigar a estripar cavalos!

Argumenta-se que a luta entre o homem e o touro é uma luta absolutamente leal. Vamos ver. E não o afirmamos nós. Damos antes a palavra ao crítico tauromáquico, criatura absolutamente insuspeita, que ainda há pouco publicava num diário de Lisboa os seguintes períodos:

... “E quando o rojoneador põe pé em terra, disposto a tourear com a muleta e rematar com o estoque, o aficionado deve *saber ver* pois em **90%** dos casos, o touro está quase a dobrar, **pela grande quantidade de rojões cravados com premeditação** no pescoço, e nestas condições só se vêem alardes de valor.”

Que dizem a esta afirmação dum aficionado, aqueles que se esbofam por nos provar que a luta entre um homem e um touro é uma luta leal e nobre?

Mas ainda que assim fosse?

Porventura é o touro que vem meter-se no redondel com o fim malévolo de estoquear um homem, ou é o homem ser pensante e inteligente, que o vai arrancar à placidez da campina para o encurralar numa praça, a fim de o fazer morrer para gáudio da população? Onde está então a lealdade? Onde está então a nobreza?

O que ali se vê – e não queiram esses valentes, esses bravos, esses heróis do toureio provar o contrário – é um homem ou vários homens, em recinto previamente adequado à sua necessária defesa e segurança, e servindo-se de todos os recursos que a sua inteligência lhe tem sugerido, inclusive desprover o animal das suas habituais defesas por meio da embolação, atentar contra a vida dum boi, especialmente criado para o sacrificio, espicaçando-o, fazendo-o perder sangue, e matando-o depois *valorosamente*, ao vê-lo *mareado*, prestes a desfalecer no meio da praça, por entre os urros da multidão a quem a vista do sangue desenfreou os cafreais instintos.

E aí está a lealdade, aí está a bravura, aí está a valentia dos homens do toureio!

E o que afirmámos antecedentemente pode aplicar-se aos homens de capa e bandarilha que martirizam o boi aproveitando a sua menor agilidade natural de movimentos e escondendo-se velhacamente por detrás das dobras do capote.

Ali não há valentia: há apenas selvajaria, um pouco de manha e uma grande dose de velhacaria. Eis a *nobre* arte do toureio.

Falta-nos, para terminar, dizer alguma coisa aos *pa-parretas* que, como suprema argumentação em favor dos seus perversos e sanguinários instintos, costumam perguntar-nos com ar superior se não apreciamos um bife na grelha e nos não utilizamos dum bocado de perna de vitela assada com batatas fritas!

A este pobre e estulto argumento engendrado no cérebro mesquinho de meia dúzia de patolas que mais não podem produzir, deveríamos responder, levando-os, pela argola do focinho, ao Matadouro para que pudessem observar a diferença que há em fazer cessar repentinamente a vida dum animal por um golpe de choupa, e o excitá-lo, espicaçá-lo, sangrá-lo e ma-

tá-lo depois com estocadas, raramente certeiras, raramente misericordiosas.

É para nós ponto assente que esses defensores dos touros de morte em Portugal sempre que mandam vir da praça um cabrito, um coelho, ou um frango para a sua alimentação, costumam entreter-se martirizando o animal, por exemplo, tirando-lhe a pele ou as penas em vida, cortando-lhes as orelhas, furando-lhes os olhos, quebrando-lhes as pernas, e praticando neles todos os actos da mais requintada selvajaria, para gáudio dos meninos da casa, em vez de fazerem, como faz toda a gente de bem, que procura a forma mais rápida e menos dolorosa de fazer cessar a vida ao animal que as necessidades da nossa alimentação reclamam.

Ainda queremos convencer-nos que esses mesmos, se vissem a cozinheira a martirizar um coelho ou uma galinha, antes de lhes dar a morte, teriam para ela uma severa reprimenda, ou palavras da mais áspera censura; todavia, bem comidos e bem bebidos, eles vão, em seguida, para a praça de touros aplaudir aqueles que, com pontiagudos ferros, vão espicaçar bois que nenhum crime cometeram a não ser o de terem nascido nas ganadarias dos criadores!

Querer comparar a morte dum boi num matadouro e a morte dum touro numa praça, é o mesmo que colocar no mesmo plano o crime daquele que, vendo-se insultado na sua honra ou na dos seus, ou agredido fisicamente, mata o insultador para se defender, e o daquele que, de navalha em punho, espera uma vítima indefesa à esquina numa rua ou no cotovelo numa escada.

Querer comparar a morte por necessidade – que é uma necessidade matar animais para comer, no estado de atraso mental em que ainda vivemos – e a morte premeditada, a morte criminosa, a morte inventada para rir e folgar, infligida a um animal que podia ser criado para um trabalho profícuo, é o mesmo que comparar a morte em defesa, do indivíduo que se vê cercado de cafres, ou a que os mesmos cafres depois

fazem sofrer ao inimigo vencido, com todos os requintes de selvajaria.

Mas a nossa sociedade tem incoerências flagrantes. A polícia de Lisboa, por exemplo, não permite o aguilhão com que os carrejões costumam picar os bois, estimulando-os nas subidas ou em transporte de grandes pesos; mas o Governador Civil tem passado o seu tempo a organizar corridas, mascarando o barbarismo com umas falsas aparências de caridade e filantropia.

O homem que vê um garoto à pedrada a um cão, re-preende-o pela barbaridade que comete; todavia, dali a pouco, havemos de vê-lo, satisfeitíssimo, espumante de gozo, ao ver, na praça, o touro a escorrer sangue e espumando de raiva.

Deixemos as touradas ao barbarismo do século XV e enveredemos nós por um caminho melhor. Agitemos os nossos músculos trabalhando, adestremos os nossos membros em serviços úteis, guardemos a nossa agilidade para nos defendermos de todos os que, por mil e um processos, procuram dia a dia envenenar-nos a existência e roubar-nos as poucas regalias, custosamente conquistadas; e, fazendo-o assim, estamos convencidos de que melhores dias haveriam de chegar tanto para nós como para nossos filhos, para os quais andamos preparando um bem doloroso provir.

Serra Frazão

A Batalha, Suplemento Semanal Ilustrado,
nº 104, 23/11/1925

Tauromaquia

Tauromaquia! Arte de tourear!... Que desgraçada concepção da arte! A Arte deve ter como objectivo o Belo, e o Belo verdadeiramente belo, deve ser encarado no seu duplo aspecto: material e moral. Portanto o Belo deve ter também um fim útil... que não seja, pelo menos, imoral...

Que utilidade ou que beleza poderá haver em farpear touros? *Não desfazendo* (como é costume dizer-se) da habilidade, do saber e da valentia do homem que se dedica a essa estúpida tarefa, devemos concordar que isso não deve merecer o nome de Arte! Ninguém chama arte, a não ser por ironia, ao *trabalho* de quem se dedica, embora expondo a vida, a fazer mal, assaltando e roubando o seu semelhante... ainda mesmo quando o faça com habilidade, sem empregar meios violentos, como fazem os *vigaristas*!

Em vez de se fazer a selecção das raças bovinas, no sentido de as tornar bravas, seria melhor empregada a ciência, a arte e a valentia do homem, fazendo o contrário disso! O mais

elevado fim da civilização e da moral deve consistir em fazer desaparecer... os touros! Em vez de se educar o povo a dizer: "É boi! É boi!", seria melhor que o *bicho* homem dissesse o contrário: "Não sejas boi! Não sejas boi!". "Se te fizeram boi, não te faças touro, não faças mal ao teu... oh! Perdão! Ia dizer ao teu semelhante!... não faças mal aos ignorantes que te provocam!".

Abilos

A Batalha, Suplemento Semanal Ilustrado

nº 119, 8/3/1926

Impressões ligeiras sobre os touros, os toureiros e o público

Fomos no domingo à tourada - e confessamos que o nosso aborrecimento excedeu, e em muito, a nossa indignação. A tourada, encarada através de raciocínios que são o produto de consciências que de há muito se incompatibilizaram com inúteis selvajarias, indigna; mas presenciada provoca um aborrecimento mortal.

Há violências, quer dos homens, quer da própria natureza, que têm uma grandeza trágica e impressionam fortemente pela sua *mise en scène*. Com a tourada o mesmo não acontece. Os trajos dos toureiros e dos cavaleiros, lembram um carnaval - um carnaval mais estúpido do que aquele que, três dias no ano, somos condenados a suportar nas ruas. Aquelas vestes de douradas lantejoulas dos toureiros - para quê? São feias, são bonitas? Nem uma coisa nem outra - são incompreensíveis e insusceptíveis de nos impressionar. Só em povos de infantil cerebração, desviados da vida moderna, elas podem causar uma sensação agradável.

Para o homem civilizado não há desdém, não há desprezo mais profundo do que o que se pode nutrir por aquele que veste duma maneira diferente das outras pessoas.

Já têm reparado que um indivíduo vestido de maneira excêntrica em vez de ser um espírito superior, é sempre uma criatura de mesquinho horizonte mental e possui umas ideias estreitas e vulgares? A sua excentricidade resulta da sua excessiva estupidez. É a mesma sensação que desperta o toureiro com seus trajes que não são da nossa época e são-no do carnaval duma época passada. Daí o dar-nos a impressão dum arlequim – o arlequim insulso que ele é.

O público divide-se em duas categorias: o dos aficionados, entusiasta e barulhento, e o dos curiosos, ávidos de toda a espécie de espectáculos, que é monótono e silencioso.

O dos aficionados é composto por criaturas que não querem ou não souberam libertar-se de ancestrais taras – e que cultivam as tradições na suposição arquipateta que a alma do passado é a garantia do que no presente pode existir de bom. Mas é exactamente, esse público de aficionados quem mais demonstra a decadência em que esse espectáculo se encontra.

O antigo aficionado vivia à parte da população – ia para as hortas, tocava guitarra, embriagava-se frequentemente, usava um traje pitoresco e vivia na convivência de ciganos, prostitutas, fadistas e toureiros. Hoje, não. Veste como qualquer de nós, encara o toureiro como um homem a quem não se deve nem admiração, nem homenagem, que exerce aquela bárbara função porque para isso lhe pagam. Não vai para as hortas – e em verdade também não há hortas. Não acompanha com ciganos porque não quer ser intrujado, roubado e sovado. Não anda com fadistas, porque acha que um homem que vive de explorar meretrizes não pode ser uma companhia que

dignifique. Não anda com meretrizes, porque a Severa já morreu - e as Severas de hoje são desgraçadas que fisicamente lhe causam uma grande repulsa. O aficionado de hoje não existe - sobrevive como uma caricatura dum mau desenhador. Está prestes a desaparecer, mau grado as injeções de dinamol de touros de morte que os empresários, os *souteneurs* das touradas, lhe podem ministrar na esperança de o salvar da morte irremediável que lhe foi decretada pelo progresso.

A luta entre o toureiro e o touro não tem nobreza nem grandeza. O irracional defende-se e ganha energia à medida que se sente aguilhoado pelos ferros pontiagudos que o magoam e fazem sangrar. Como espectáculo é monótono por ser deploravelmente igual. É sempre o homem de lantejouladas e ridículas vestes provocando o touro, fugindo quando ele o persegue, e ferindo quando o consegue ludibriar. Temos sempre diante dos olhos o toureiro fugindo ou torturando o touro, perseguindo-o ou sendo torturado. Com o cavaleiro que é o toureiro equestre, o espectáculo também não muda: o cavaleiro foge com as patas do cavalo, ou, auxiliado por estas, enterra no animal a haste pontiaguda.

O único animal nobre nesta função é o touro porque se defende e na sua irracionalidade fica colocado acima dos animais racionais que à custa da sua tortura ganham a sua vida - uma vez por semana podendo levar vida ociosa seis dias consecutivos, sem ter em conta as grandes férias que começam com as primeiras chuvas e só acabam com as últimas.

Sobre a arena onde se desencadeia esta selvajaria inútil nada mais se passa - a não ser um ou outro brutamontes que vai para a enfermaria contuso por uma cornada.

A assistência, em volta, está quase imobilizada. Entre ela, há a certeza colectiva que tudo aquilo é estúpido, mas há

também a inércia de romper contra um hábito - um antigo hábito que vem de épocas em que a força física suprimia dificilmente tudo o que o prodigioso século XIX criou para dar aos homens mais bem estar, mais alegria e mais dignidade...

Cristiano Lima

*A Batalha, Suplemento Semanal Ilustrado,
Nº 136, 5/7/1926*

Índice

• Nota preliminar	1
• A morte do touro (Ferreira de Castro)	3
• Touros de Morte (A Redacção)	8
• Mérito, generosidade e filantropia (Mário Domingues)	10
• Touradas escolas de imoralidade – O proletariado defendendo os sãos princípios (Carvalhão Duarte)	15
• As touradas – Diálogo entre mãe e filha (Adelaide Cabete)	19
• Vibrante protesto contra as touradas dos estudantes anarquistas de Coimbra (Grupos <i>Os Rebeldes e Labareda</i>)	24
• Carta ao sr. Governador Civil, com um pedido particular (“Voz que Clama no Deserto”)	28
• A “nobre” arte do toureio (Sousa Frazão)	33
• Tauromaquia (Abilos)	43
• Impressões ligeiras sobre os touros, os toureiros e o público (Cristiano Lima)	45

Publicações de

A BATALHA

- **A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos**
José Oiticica
- **A Verdade Sobre Kronstadt**
S. M. Petritchenco
- **Autogestão, Gestão Directa, Gestão Operária**
Maurice Joyeux
- **Desafio Islâmico**
Júlio Palma
- **Não à Escola**
Colin Ward
- **Porque sou Anarquista**
Rudolf Rocker

Esgotados:

- **Anarcosindicalismo e Autogestão**
René Berthier
- **Que Sindicalismo**

